



http://br.groups.yahoo.com/group/digital_source/

A PRINCESINHA

Frances Burnett

SARA

Num desses tristes dias de inverno, em que o nevoeiro, amarelado e espesso, invade a tal ponto as ruas de Londres, que é preciso conservar acesos os focos elétricos e as lâmpadas dos estabelecimentos como durante a noite, uma carruagem avançava lentamente através das espaçosas ruas da grande cidade, transportando uma pequenina, muito aconchegada ao pai.

Sentada à turca, com os pés sob o corpo, os seus olhos, profundos e sonhadores, iam contemplando quem passava.

Causava impressão aquele olhar numa criança, como ela era ainda, visto que Sara Crewe tinha apenas sete anos. Mas, apesar de tão pouca idade, a vivacidade do seu pensamento era invulgar; sonhava, imaginava coisas extraordinárias, e a sua cabecinha estava cheia de interrogações que fazia a si própria, acerca das pessoas crescidas e do vasto mundo que era seu domínio.

No momento em que começa a presente história, recordava ela a viagem que acabava de fazer, desde Bombaim até Londres, com o pai, o capitão Crewe. Revia o grande navio, os hindus que iam e vinham silenciosamente, as crianças que brincavam na ponte e algumas senhoras, ainda novas, mulheres de oficiais, que haviam procurado fazê-la falar e que se tinham divertido muito com as suas respostas inesperadas.

Mas, o que Lhe parecia ainda bem mais extraordinário, era pensar que, depois de ter vivido sob o sol escaldante das Índias e, em seguida, num grande navio, em pleno oceano, se encontrava, agora, naquela carruagem desconhecida, que a

levava através de ruas onde o dia era tão escuro como a noite. Isto parecia-lhe um prodígio e, instintivamente, chegava-se ainda mais ao pai.

- Papá - disse ela, com a sua vozita misteriosa. - Papá!

- Que é, filhinha? - respondeu o capitão Crewe, olhando carinhosamente para a pequenina, ao mesmo tempo que a aconchegava mais a si. - Em que pensa a minha Sarinha?

- É aqui o "lugar"? Já chegamos - murmurou Sara, aproximando-se cada vez mais dele.

- Já, minha filha. Chegamos finalmente.

Pequenina como era, Sara sentiu perfeitamente toda a tristeza que palpitava na voz do pai.

Parecia-lhe que havia já muitos, muitos anos, que ele começara a falar-lhe no "lugar" ,como ela dizia sempre. Não conhecera a mãe, que morrera quando ela tinha nascido, de forma que nunca sentira a sua falta. O pai, só por si, parecia-lhe ser toda a sua família - aquele papá tão novo, tão belo, que a animava quanto podia. Gostavam muito um do outro e brincavam constantemente os dois. Sara sabia que era rico, porque algumas pessoas, julgando que ela não compreendia, tinham-no dito na sua presença, acrescentando que, quando fosse crescida, seria, também, rica.

Vivera sempre num magnífico bangalô (1), onde numerosos criados a saudavam respeitosamente, chamando-lhe "senhora" e deixando-lhe fazer tudo o que ela queria.

Tivera todos os brinquedos possíveis, animais de toda a espécie, uma aia (2) que a adorava, e compreendera, pouco a pouco, que ser rica era possuir tudo aquilo. A palavra riqueza não evocava nada mais para ela.

Durante a sua curta existência apenas uma ligeira nuvem toldara o seu belo céu; era a idéia do "lugar" para onde o pai a levaria um dia.

O clima da Índia é mau para as crianças e, em geral, mandam-nas, o mais cedo possível, para a Inglaterra, quase sempre para um colégio.

Sara tinha visto partir outras crianças e ouvira falar nas cartas que elas escreviam aos pais, lá de muito longe. Sabia que também havia de partir um dia e, embora algumas vezes se sentisse entusiasmada com as descrições que o pai costumava fazer-lhe da longa viagem no vapor e do país para onde a levaria, o seu coração sofria com a idéia de que tinha de separar-se dele.

- E o papá não pode vir para o colégio comigo?

- perguntara, quando tinha cinco anos. - Eu ajudava-o a estudar as suas lições.

- Mas tu não vais ficar muito tempo separada de mim, Sarinha - respondia ele sempre. - Irás para uma casa muito bonita, onde encontrarás outras meninas e brincarás com elas. Mandar-te-ei livros bonitos e tu crescerás tão depressa, que te parecerá que passou apenas um ano quando te vires tão crescida e tão sábia, que já possas voltar, para tomar conta do teu papá:

(1) Casa do campo.(2) Ama.

Esta idéia agradava-lhe imenso. Governar a casa do pai, montar a cavalo com ele, presidir à mesa quando desses grandes jantares, conversarem os dois, ler os seus livros, era, para ela, a vida que sonhava. E se, para o merecer, fosse preciso ir-se embora, para esse "lugar", lá longe, na Inglaterra, muito bem: partiria. A promessa de encontrar outras meninas deixava-a indiferente. Os livros consolá-las bem mais que as tais meninas. Preferia os livros a tudo o mais e passava o tempo a inventar belas histórias que contava a si própria. Às vezes, contava-as também ao pai, que as achava muito bonitas.

- Então papá, disse com doçura, se já chegamos, temos de nos resignar.

Esta frase, tão estranha na boca de uma criança, fez rir o capitão Crewe, que beijou a filha. No fundo, embora procurasse cuidadosamente dissimular o seu desgosto, o capitão não se conformava com a separação. A sua Sarinha, tão original, tinha sido para ele uma verdadeira companheira e sentia, de antemão, a sensação de isolamento que experimentaria quando, de regresso à Índia, entrasse em casa e não encontrasse a sua figurinha gentil, vestida de branco, para o receber, como dantes. Ao pensar isto, apertou-a mais e mais contra si, enquanto a carruagem chegava à praça silenciosa, onde se erguia o edifício que marcava o fim da viagem.

Era uma grande casa cinzenta, exatamente semelhante a todas as outras casas construídas do mesmo lado, tendo apenas, como nota particular, sobre a porta de entrada, uma reluzente placa de cobre, onde, em letras pretas, estava gravada a seguinte inscrição: MISS MINCHIN, COLÉGIO DE MENINAS.

- Eis-nos chegados, Sara - disse o capitão, o mais alegremente que pôde.

Ajudou-a a descer do carro; em seguida, subiram os degraus de pedra e ele tocou a campainha.

Muitas vezes, durante os tempos que se seguiram, Sara devia ter dito, de si para si, que a casa era parecida com a sua proprietária. Tinha um ar respeitável e estava convenientemente arranjada, mas a habitação era feia e o mobiliário de um aspecto agressivo; as próprias poltronas pareciam estofadas com pedras. No vestíbulo tudo era austero, tudo parecia frio à força de reluzir, mesmo as faces rubicundas da lua- cheia , que servia de mostrador ao grande

relógio. O salão, onde introduziram o capitão e a filha, tinha um tapete com desenho geométrico e severo; as cadeiras eram todas em ângulos, e um maciço relógio de mármore esmagava com o seu peso o tampo do fogão, que era de mármore também.

Sentada numa cadeira de acaju, de costas rígidas, Sara observava, com olhar penetrante, tudo que a cercava.

- Nada disto me agrada muito, papá - suspirou ela. - Mas estou convencida de que os soldados, mesmo os mais valentes, não gostam de ir para a guerra...

O capitão Crewe pôs-se a rir. Era novo, alegre, e nunca se cansava das reflexões espontâneas da filha.

- Minha querida Sara - disse ele. - Que vai ser de mim, quando não tiver mais ninguém para me falar com tanto juízo? Porque ninguém é tão ajuizado como tu.

- Mas porque é que as coisas ajuizadas que eu digo o fazem rir? - perguntou Sara.

-Porque tu és muito engraçada quando as dizes - respondeu ele, continuando a rir.

E, de repente, pegou-Lhe ao colo e beijou-a muito, ao mesmo tempo que deixava de rir e os seus olhos brilhavam como se estivessem cheios de lágrimas.

Nesse mesmo instante, Miss Minchin entrou. E logo Sara achou que ela era parecida com a casa: grande, fria, respeitável e feia. Tinha uns grandes olhos, tão expressivos como os de uma carpa e, nos lábios um sorriso de comando.

Este sorriso acentuou-se mais quando Miss Minchin viu o capitão e Sara. A senhora que a tinha posto em comunicação com o capitão Crewe contara-lhe várias coisas interessantes acerca dele e, entre elas, que era muito rico e estava disposto a gastar imenso dinheiro com a filha.

- É uma honra para mim ser encarregada da educação de

uma tão linda criança, que logo se vê ser muito inteligente - disse ela, pegando na mão de Sara e acariciando-a entre as suas. - Lady Meredith falou-me da sua notável precocidade. Uma criança inteligente é um verdadeiro tesouro numa casa como a minha.

Sara ficou imóvel, com os olhos fixos em Miss Minchin. Como sempre, atravessavam-lhe o cérebro mil pensamentos diferentes.

"Porque diz ela que eu sou bonita? - pensava a pequenina. - Eu não sou bonita. A neta do coronel Grange, a Isabel, é que é bonita: tem as faces cor-de-rosa, com duas covinhas, e cabelos loiros, compridos. Eu tenho cabelos pretos, curtos, olhos verdes, e, para mais, sou magra e a minha pele não é branca. Sou uma das crianças mais feias que tenho visto. Miss Minchin começa por mentir."

Sara enganava-se, quando imaginava ser feia. Não se parecia, certamente, com Isabel Grange, mas tinha um encanto estranho muito pessoal. Delgadinha e leve, alta para a sua idade, possuía uma fisionomia profundamente expressiva e cheia de vivacidade. Os seus cabelos eram negros, espessos e encaracolados nas pontas; os olhos, de um cinzento-esverdeado, eram admiráveis, com longas pestanas negras, cuja cor desagradava talvez a Sara, mas que muita gente apreciava. Apesar de tudo isto, estava convencidíssima da sua fealdade, e os elogios de Miss Minchin não produziram o efeito desejado...

Se eu dissesse que ela é bonita, mentiria, e eu teria a certeza disso - pensava a pequenina. - Creio mesmo que sou tão feia no meu gênero como ela o é no seu. Porque mentiu?"

Sara devia ter, mais tarde, a resposta a esta interrogação, ao descobrir que Miss Minchin repetia exatamente a mesma frase a todos os pais que lhe confiavam as

filhas.

De pé, ao lado do pai, Sara ouvia-o conversar com Miss Minchin. As duas filhas de Lady Meredith haviam sido educadas naquele colégio, e o capitão Crewe decidira-se em virtude das boas informações recebidas. Internaria ali a filha, mas em condições especiais: queria que tivesse um quarto, e uma sala só para ela, uma carruagem, um poney e uma criada para substituir a aia que cuidava dela na Índia.

- Quanto à sua instrução, estou tranqüilo - disse o capitão Crewe, sorrindo. -A grande dificuldade estará em impedir que aprenda demasiado depressa e tudo ao mesmo tempo. Passa a vida curvada sobre os livros. Não os lê, devora-os: é uma lobazinha! A sua fome de leitura reclama, sem cessar, novos livros e são livros para pessoas adultas que ela prefere, livros franceses ou alemães, tanto como ingleses, história, biografias, poesias, que sei eu! Tire-lhe esses livros, Miss Minchin, quando ela ler de mais! É preciso que passeie no parque, montada no poney ou, então, que vá comprar uma boneca nova. Gostava de a ver brincar mais vezes com bonecas.

- Papá - observou Sara - se eu for comprar uma boneca de dois em dois ou de três em três dias, acabo por ter tantas, que não posso gostar de todas quanto devo. As bonecas devem ser como verdadeiras amiguinhas. Emily será a minha amiga.

O capitão olhou para miss Minchin e miss Minchin olhou para o capitão.

- Quem é Emily - perguntou ela.

- Explica tu quem é, Sara - disse o pai.

Os seus olhos cinzento-esverdeados tinham uma expressão doce e grave, quando respondeu:

- É uma boneca que eu ainda não tenho, uma boneca que o papá me vai comprar. Iremos escolhê-la os dois. Chamar-se-á

Emily. Será a minha amiga, quando o papá se for embora; e é para lhe falar dele que eu a quero.

O sorriso parado de Miss Minchin teve, novamente, uma expressão admirativa.

- Que espírito tão original - disse ela. - Oh que deliciosa criança.

- Sim -- disse o capitão, apertando a filha contra o peito. - É o meu tesouro. Terá muito cuidado com ela, não é verdade Miss Minchin?

Sara não se separou do pai enquanto ele esteve em Londres. Saíram juntos, correram as lojas, compraram inúmeras coisas, muitas mais, certamente, do que precisavam; mas o capitão, novo e inexperiente, queria que a filha tivesse tudo quanto achava bonito e, também, tudo o que lhe agradava a ele, de maneira que, entre os dois, compraram um enxoval muitíssimo mais luxuoso do que era próprio para uma menina de sete anos. Tinha vestidos de veludo, guarnecidos a pele, vestidos de rendas e outros todos bordados; chapéus com soberbas penas de avestruz, casacos e golas de arminho, caixas cheias de luvas, de lenços, de meias de seda, e tudo isto em tal quantidade que, nos estabelecimentos, as empregadas diziam umas às outras, em voz baixa, indicando a pequenita de grandes olhos profundos:

-Deve ser uma princesa estrangeira, talvez a filha de algum rajá da Índia.

E, finalmente, compraram Emily; mas foi preciso ir a muitas lojas de brinquedos e verem muitas bonecas, antes de a descobrirem.

-Eu queria que ela não se parecesse com uma boneca - explicou Sara. - Que ela tivesse o ar de me escutar, quando eu lhe falasse. O que é mais aborrecido, com as bonecas, é que elas nunca dão a idéia de ouvirem o que lhes dizemos.

Mostraram-lhe bonecas grandes e pequenas; bonecas com os olhos pretos e olhos azuis, caracóis escuros e longos cabelos doirados; bonecas vestidas e outras por vestir.

- O papá compreende - dizia Sara - se a compro sem vestidos, levá-la-emos à casa de uma costureira que lhe fará tudo por medida. Os vestidos ficam sempre melhor quando são provados.

Depois de muito procurar, decidiram os dois ir a pé para verem melhor as montras(vitrines}, enquanto a carruagem os seguia lentamente. Haviam já passado dois ou três estabelecimentos, sem entrar, quando, ao aproximar-se de uma loja de aparência modesta, Sara estremeceu e apertou o braço do pai.

- Ó papá - exclamou ela - aqui está Emily!

A sua carinha tornára-se muito rosada e seus olhos acinzentados tiveram a mesma expressão de felicidade que teriam se houvesse reconhecido uma amiga muito querida.

- Ela está à nossa espera - continuou a pequenina. - Entremos depressa.

- Ó meu Deus - disse o capitão, alegremente

- Quem nos apresentará a Sua Alteza?

- O papá apresenta-me a mim, e eu apresento o papá - disse Sara. - Mas eu reconheci-a logo à primeira vista, e talvez ela me tivesse reconhecido também.

A boneca tinha, realmente, um lindo olhar. Era de bom tamanho, transportava-se com facilidade. Possuía uma soberba cabeleira castanha-dourada, toda encaracolada, grandes olhos azuis e pestanas espessas, mas pestanas verdadeiras e não apenas um simples traço de pincel sobre as pálpebras de porcelana.

- Não há dúvida, papá - disse Sara, que olhava para a boneca, face a face. - Não há dúvida de que é a Emily!

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

